

O dia oito que passou...

16-Abr-2009

Descendentes

de uma das mais antigas sagas migratórias do mundo os Roma vieram da Índia setentrional até aos confins da Ibéria e ao resto do mundo.

O mês de Abril por excelência o mês da Liberdade. O dia 8 de Abril que passou foi o Dia Internacional do Cigano.

Dia menor nos destaques de imprensa e nas nossas preocupações sociais.

Contributo de Luís Mariano - Estremoz

Datam do século XI ou XII

as primeiras vagas migratórias em direção à Europa, pelo caminho foram modificando o seu dialecto por via do contacto com o grego, o persa e o arménio.

Dividiram-se em vários grupos consoante a zona de origem ou destino: Valáquios, Sinti-Manouche, Romanichel, Calés.

Na diáspora as perseguições

nunca abrandaram. Caçados por Carlos V

(sim, como se fossem coelhos) para leite da corte Austríaca, escravos na corte Romana, foram "oficialmente" libertados no século XIX.

D. João III, por Lei de 1526, proibiu-os de entrarem em Portugal,

ordenando a expulsão de todos os que aqui viviam. Só no século XIX o estado português os considerou cidadãos nacionais.

Como notou um sociólogo

francês "Os ciganos, sempre em movimento nos seus grupos nómadas, eram considerados fisicamente ameaçadores e ideologicamente subversivos. A sua própria existência suscitava conflito."

A segunda guerra mundial trouxe

novas atrocidades com o regime nazi a enviar para o Holocausto mais de meio milhão de ciganos. No leste europeu havia países com programas de esterilização

para famílias ciganas. Já no fim do século passado foi comum haver por toda a Europa pequenos focos de tensão onde pais não-ciganos não deixavam os filhos

conviver na escola com crianças ciganas.

Em Portugal a etnia cigana ainda com muita influência linguística do hispano-calé, sobretudo estigmatizada por ser diferente. Outros costumes, outro sotaque, outra cor de pele.

Nos anos 80 e 90 do século passado assistimos a presidentes de câmara não autorizarem nos seus concelhos acampamentos ciganos (Ponte de Lima - 1993), populações a não quererem viver nos mesmos bairros com ciganos e a organizarem "milícias populares" (Francelos - 1992), manifestações de extrema-direita contra os ciganos (Coruche - 2002), etc, etc.

Em 1994 um cigano morto a tiro dentro de uma esquadra da PSP em Matosinhos não tendo este crime sido considerado xenofobia mas apenas um mero acidente.

Em 1991 o Centro de Reflexão Cristã de Lisboa identificava a etnia cigana como a mais pobre entre as pobres da periferia da grande Lisboa: 68% das famílias ciganas não tinham água em casa, 45% não tinham electricidade, 60% sem banho e 61% sem retrete. Apenas 20% das famílias dispunham de máquina de lavar, esquentador ou aquecedor.

Em cidades do interior alentejano como Elvas, Campo Maior ou Estremoz, as condições de vida nos "acampamentos" ciganos são deploráveis: ratos, lixo, miséria.

Na imprensa, um estudo feito a um diário português em 1987 revelava que apenas 25% das notícias sobre a etnia cigana se referiam à sua cultura ou capacidade de integração. As restantes referiam-se a assaltos, burlas, tiroteios, agressões, assassinatos e tráfico. A criação de estereótipos começa muitas vezes aqui: quando é praticado um crime por parte de um cidadão cigano este é sempre identificado a partir da sua origem étnica o que não acontece com outros cidadãos que são tratados pelo nome.

Comerciantes e andarilhos por natureza são facilmente apanhados nas malhas do tráfico de droga. Pessoas menores de um comércio milionário arcam com as parangonas dos jornais, embora seja evidente que em termos percentuais não há mais traficantes entre os ciganos do que noutras latitudes étnicas.

Infelizmente, o lado menos conhecido do povo Romani é precisamente o seu aspecto mais rico. A sua tradição oral de preservar a memória com os seus contos belos e fantásticos, a sua música e dança de que são expoentes Paco de Lucia e Joaquim Cortez.

Dos cerca de 30.000 ciganos residentes em Portugal a maioria é gente que trabalha nas profissões que geneticamente lhe estão na "massa do sangue": almocreves no século XVI, comerciantes hoje.

Tal como a canção de Paco de Lucia: "Solo quiero caminar, como camina el rio hacia la mar..."

Luís Mariano - Estremoz

{easycomments}